

AGRUPAMENTO DE ESTUDOS DE CARTOGRAFIA ANTIGA



CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA
E CARTOGRAFIA ANTIGA

SECÇÃO DE LISBOA

CINCO SÉCULOS
DE CARTOGRAFIA
DAS ILHAS DE CABO VERDE

POR

A. TEIXEIRA DA MOTA

JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO ULTRAMAR
LISBOA • 1961

Cinco séculos de cartografia das ilhas de Cabo Verde

A. TEIXEIRA DA MOTA

Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, Secção de Lisboa

Celebrando-se agora o quinto centenário do descobrimento do arquipélago de Cabo Verde, vem a propósito apresentar algumas espécies cartográficas que lhe dizem respeito e foram traçadas ao longo dos cinco séculos decorridos.

Desde as primeiras cartas náuticas onde figura o arquipélago até aos mais modernos levantamentos hidrográficos, organizou-se uma pequena selecção em que, por um lado, através de representações das ilhas, se procura caracterizar várias épocas da história da cartografia, e, pelo outro, evocar alguns episódios da longa e acidentada vida da província desde o início do seu povoamento.

Bem conhecida a discussão à volta dos descobridores das ilhas ocidentais do arquipélago de Cabo Verde — António de Noli, Luís de Cadamosto e Diogo Gomes. Uma carta régia de 3 de Dezembro de 1460 indica já os seus nomes: *Sam Jacobo* (Santiago), [Sam] *Fellipe* (Fogo), *De las Mayaes* (Maio), *Sam Christovam* (Boavista) e *Lana* (Sal).

No que respeita às restantes ilhas, vêm pela primeira vez referidas numa carta régia de 19 de Setembro de 1460, com os nomes *Brava*, *Sam Nycollao*, *Sam Vicente*, *Rasa*, *Branca*, *Santa Luzia*, *SantAntónio*, dizendo-se noutra carta, de 29 de Outubro de 1462, que o seu descobridor foi Diogo Afonso.

Cadamosto, que deve ter estado nas ilhas orientais, regressou de Portugal a Veneza em 1463, sendo natural que levasse consigo qualquer carta portuguesa contendo já o arquipélago. O certo é que as primeiras representações deste vêm nos atlas de Benincasa a partir de 1468.

ESTAMPA I — *Atlas de 1468*, pertencente ao príncipe di Trabia e Butera, Palermo. Uma das cartas, com a costa africana desde o *cauo bianco* até *fallolu*, contém quatro ilhas orientais do arquipélago: *Isola de Sal*, *Y^a. de bonau*, *Y^a. de mais* e *Y^a. de San Jac^o. - bonarista*.

ESTAMPA II — *Atlas de 1468*, pertencente ao Museu Britânico (Add. Ms. 6390), Londres. Uma das cartas, com a costa africana desde o *cauo bianco* até ao *cauo mesurado*, contém, além das quatro ilhas que vêm no atlas de Palermo, mais as seguintes: *San vicenço*, *San nicolo*, *braua* e *San felippe*.

ESTAMPA III — *Atlas de 1469*, pertencente à Biblioteca Ambrosiana (S. P. II, 6), Milão. Numa carta da África Ocidental abrangendo sensivelmente a mesma área que a anterior, contém mais três ilhas do que esta. Mais correctamente é dado o nome de *Y^a. branca* à que está junto de *san nicolo*, seguindo-se para norte a *Y^a. de St^o. Lúcia* e duas outras sem nome (certamente S. Vicente e Santo Antão).

As representações das ilhas de Cabo Verde contidas noutros atlas de G. Benincasa até 1480 incluem-se nos três tipos indicados, por vezes com ligeiras variantes que não parece terem significado especial ⁽¹⁾. É mesmo plausível **supor**

(1) Parte delas vêm em *Foutoura* da Costa. *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes*, Lisboa, 1939.

que Benincasa tivesse utilizado um único protótipo português, do qual extraiu mais ou menos ilhas, de acordo com a sua situação em relação à margem esquerda das cartas, que por vezes corta o arquipélago.

O desenho do arquipélago aparece já bastante mais correcto numa carta de Soligo de c. 1486, numa carta de Pêro Reinei de c. 1485-1490 e no planisfério de Cantino de 1502 ⁽²⁾. Encontra-se depois em numerosas cartas náuticas do Atlântico do século XVI.

Valentim Fernandes, ampliando-as naturalmente de uma carta náutica, desenhou no seu conhecido códice (agora em Munique) dez das ilhas de Cabo Verde, dando porém apenas a nomenclatura costeira de uma delas ⁽³⁾:

ESTAMPA IV — *Ilha de Santiago*, segundo Valentim Fernandes, 1506-1508, tendo-se conservado até hoje uma parte dos nomes que ele indica.

A partir de fins do século XVI, o arquipélago, que já antes era bastante frequentado por navios espanhóis, no caminho para a América e Pacífico, ou então para comerciarem, sobretudo em escravos, passa a ser procurado por Ingleses, Holandeses e Franceses, que por vezes, em actos de guerra ou pirataria, atacam as povoações e os navios fundeados nos portos ou navegando nas proximidades.

Um exemplo foi o da esquadra inglesa de 23 navios e 2300 homens, que, sob o comando de Francis Drake, aportou em Novembro de 1585 à ilha de Santiago, aí desembarcando 600 homens que tomaram e saquearam a cidade da Ribeira Grande ⁽⁴⁾.

ESTAMPA V — *Saint Iago*, gravura, atribuída a Jodocus Hondius, no livro de W. Bigges: *A summarie and true discourse of Sir Frances Drake West Indian voyage*, Londres, 1589. Esta curiosa gravura contém, ao que julgamos, a

⁽²⁾ Para as representações de Soligo e Cantino ver Fontoura da Costa, *ob. cit.* A carta de Pêro Reinei, recentemente descoberta e cuja data se indica provisoriamente, será reproduzida no V volume de *Portugaliae Monumenta Cartographica*.

⁽³⁾ O Manuscrito «Valentim Fernandes», Lisboa, 1940, com as reproduções de todos os desenhos, que também vêm e são estudados em Fontoura da Costa, *ob. cit.*

⁽⁴⁾ Sobre esta expedição de Drake, ver Irene A. Wright: *Further English voyages to Spanish America 1583-1594*, Hakluyt Society, 2nd series, n.º XCIX, London 1951, com reproduções dos mapas e plantas do livro de Bigges e uma nota a seu respeito, p. XIII.

mais antiga representação, hoje conhecida, da cidade da Ribeira Grande, sendo de notar que nela já figura também a povoação da Praia. Acompanha a gravura uma extensa legenda explicativa, a qual reproduzimos a seguir na íntegra, dado o seu evidente interesse. De destacar que no vale da Ribeira «do grow both many excellent hearbs and sundry most delicate fruites, as Dates, Cochets nuttes, Plantens, Orenge, Lemons, Sugercanes and diuers others»; já se fizera, portanto, uma larga introdução de espécies vegetais exóticas, uma das características mais salientes da colonização portuguesa nos trópicos:

LEGENDA

- A The place where the whole Fleete first ankered.
 B The place where the Pinnaces and Shipboates did set the souldiers on shore, which might be some fiue miles from the towne of S. Iago.
 C The way which the army did passe ouer the mountaines.
 D A large plaine and place where the army was martialled in order of battell, and so marched towards the towne.
 E A troupe of shot sent before the vantgard to discouer.
 F A troupe of shot belonging to the vantgard, and was lead a little before the squadron of pikes of the said vantgard.
 G The squadron of pikes which had the vantgard, which squadron with the troupes of shot belonging vnto it consisted of three companies.
 H Two troupes of shot which marched as the right wing or flanke of the vantgard.
 I Two troupes of shot marching on the left wing or flanke of the vantgard.
 K A troupe of shot being also of the vantgard and followed the pikes.
 L The first troupe of shot belonging to the battell, and is the lesser of the twaine that marche before, appointed expresly to discouer and to take knowledge of any thing before.
 M The seconde troupe of shot being the greater belonging to the maine battell, and marched next before the same.
 N Troupes of shot belonging to the maine battell.
 O The great squadron of pikes which caried the place of maine battell, which with the troupes of shot belonging vnto it, consisted of foure companies of one hundred and fifty men to each ensigne.
 P The squadron of pikes which made the riergard, which with the troupes of shot thereunto belonging, consisted of three enseignes or companies.
 Q Troupes of shot belonging to the riergard.
 R A place fortified without the towne of Saint Iago, by the Which we entred the same being vpon a high hill or mountaine, and easily ouerlooking all the towne, vnto the which towne from thence there lieth a way by that sloping parte of the hill which is towards the sea, but the rest of the said towne lieth in a low bottome, a valley betweene two hills and the hills being cliffed on bothe sides of the said valley which valley continueth a great way vp into the country, in the which valley dooth grow many pleasaunt fruites, which are watered at pleasure by meanes of a small fine broocke of running water issuing out of the mountaines of the Island country.

- S The valley aforesaid wherein do grow both many excellent hearbs and sundry most delicate frutes, as Dates, Coches nuttes, Plantens, Orenge, Lemons, Sugarcanes and diuers others.
- T The market place.
- V The Church.
- X The middle platforme, standing to the sea warde furnished with very good artillery.
- Y The platforme on the west part of the towne furnished in like sort.
- Z The platforme on the East part well planted with great ordinance as the rest.
- AA A place vpon the height of the mountaine standing on the west side of the valley, and was fortified as the other ouer against it by the which we entred.
- BB A little Chappell that stooed on the point of land on the West side of Saint Iago.
- GC The towne people being Portingals and flying from thence.
- DD The way which we marched into the country towards the village called Saint Domingo, where it was said the Bishop and gouernours were fled, but vpon our approche thitherwardes, they also fled from thence before vs.
- EE The village of Saint Domingo being twelue English miles, that is, six leagues of France distant from Saint Iago into the hart of the Island country.
- FF The towne of Prayo standing by the sea side, which vpon our going a way was burned with fire as the towne of Saint Iago was.
- GG The purtraicture of a flying fish, drawne very like to the liuing fish, wherof we saw great store, and had many by falling into the ships, for they fly not aboue ten or twelue score paces and so fall into the sea againe, out of the which they rise & take their flight comonly in flocks together when they be hardly chased, and euen ready to be deuoured of the Dolphin and a fish called Bonito. This picture of the flying fish is well nigh as big as the liuing fish, of which kind there hath not bene sene any in my knowledge to carry aboue double the length of this pictured fish.

Os Holandeses, sobretudo na fase de expansão da sua Companhia das Índias Ocidentais, também se interessaram pelo arquipélago, pois este era um importante ponto de escala para o Brasil e servia de base para um activo comércio dos Portugueses com a Guiné.

Um dos maiores cartógrafos holandeses do século XVII, Hessel Gerritsz, trabalhando para aquela Companhia, embarcou para o Brasil no *Zutphen*, navio da esquadra de Adriaen Jansz Pater, e esteve no arquipélago nos fins do 1628, tendo os Holandeses atacado Santiago sem sucesso.

Em resultado dessa viagem escreveu Hessel Gerritsz dois valiosos roteiros, que se conservam no Rio de Janeiro e na Haia. Este último contém uma descrição das ilhas de Cabo Verde, com cinquenta e duas vistas da costa e esboços de cartas das ilhas e portos. Delas se dão, a seguir, dois exemplos (5).

(5) Sobre a multiforme actividade de Hessel Gerritsz, ver Johannes Keuning: «Hessel Gerritsz», in *Imago Mundi*, vol. VI, pp. 49-66 (roteiros da viagem de 1628 a pp. 63-64), Stockolm, 1949.

ESTAMPA VI—I. de St. Tiago de Cabo Verde (Praya), Isle fogho, Isle Brauo, Algemeen Rijksarchief, Haia (Buitenl. Kaarten, atlas x, fols. 44-45).

ESTAMPA VII—*Ilha de Mayo*, Idem, fol. 49.

Também os Franceses por várias vezes desembarcaram nas ilhas e aí praticaram assaltos e actos de guerra. O Sul de Santiago, com as povoações da Ribeira Grande e da Praia, era a zona mais atingida pelas depredações. De um destes assaltos, que não pudemos por ora identificar (mas que deve ter tido lugar no século XVIII), parece ser testemunho um desenho «fait par le Sr. Pitton Ingenieur Volontaire», no qual claramente se indica o local do desembarque, a leste da Praia, e os caminhos seguidos até à Ribeira Grande, falando-se no «bataillon» e nos «grenadiers»:

ESTAMPA VIII — *Plan de la Ville et des forts de L'isle de St. Iago et de la côte jusque au fort de la praiye*, Bibliothèque Nationale, Paris (Depot, 120.79D).

O século XVIII é o século de ouro da cartografia francesa, que ocupa então o primeiro lugar na Europa. Além de grandes geógrafos, como Delisle e D'Anville, a França produziu notabilíssimos hidrógrafos. Resolvia-se então o célebre problema das longitudes, o que acarretou uma renovação e intensificação dos levantamentos hidrográficos, em que se distinguiram os Franceses.

É exemplo disso uma estampa da *Voyage fait par Ordre du Roi en 1768 et 1769* (tome I, planche III), obra cujo autor não identificámos, e na qual se contém uma carta geral do arquipélago (com indicação das observações de longitudes por cronómetros), um plano do porto da Praia e vistas deste último e da ilha de Maio:

ESTAMPA IX — *Carte reduite des Iles du Cap-Vert äressée sur de Nouvelles Observations par Mr. d'Éveux de Fleuriou, 1772. Plan de la Rade de la Praya par Mr. d'Après de Manevillete, 1763. Vue de l'Ile de Mai. Vue de la Rade de la Praya.*

O século XVIII é um período de decadência na cartografia náutica portuguesa, sendo em número reduzido as espécies desse tipo e dessa época que nos chegaram, indício evidente de que

os nossos marinheiros, para a sua navegação, recorriam sobretudo a cartas estrangeiras (6). Podem no entanto apontar-se algumas cartas náuticas portuguesas do arquipélago. A que se indica a seguir em primeiro lugar é manuscrita e representa as ilhas de Santa Luzia, S. Vicente e parte de Santo Antão, contendo, em legenda à parte, a nomenclatura costeira. Está desenhada à maneira holandesa, com as vistas de costa rebatidas ao longo da linha do litoral. A que se indica em segundo lugar é uma carta geral do arquipélago, gravada, contendo em legenda algumas indicações sobre a navegação e a referência expressa à escala que os navios estrangeiros com destino ao Índico costumavam fazer no porto da Praia para aí «refrescar e fazer carnes»:

ESTAMPA X — [*Carta das Ilhas de Santa Luzia, São Vicente e parte de Santo Antão*], Manuel Isidoro Marques, 1768, *Mandado fazer pelo Dezº. João Gomes Ferreira, Ouvidor Geral que foi das Ilhas de Cabo Verde*, Gabinete de Estudos Históricos de Fortificação e Obras Militares, Lisboa.

ESTAMPA XI — *Plano das Ilhas de Cabo Verde tirado por Francisco Antº. Cabral Anno de 1790*, Gabinete de Estudos Históricos de Fortificação e Obras Militares, Lisboa (4225/I, 1A-9-13).

O século XVIII é, na história da cartografia portuguesa, o período áureo dos engenheiros militares, que nos legaram uma quantidade apreciável de levantamentos topográficos do ultramar. Devem-se-lhe as quatro espécies seguintes:

ESTAMPA XII — *S. Vicente*, Biblioteca Pública Municipal do Porto (pasta 24, fl. 27). Faz parte de uma colecção de seis cartas do arquipélago, de que só esta tem título, e apenas esta e a do Sal têm nomenclatura, muito densa aliás. Sem data, mas provavelmente de fins do século XVIII. Sem autor, mas o estilo e a letra apresentam afinidades com obras de António Carlos Andreis, autor da planta reproduzida na estampa xv. Na realidade, conhece-se um requerimento (de 1779) deste capi-

tão (que esteve em Bissau em 1765 e em Cabo Verde desde 1766 a 1779 pelo menos), do qual se conclui que não só trabalhou nas obras de fortificação do arquipélago e respectivos levantamentos e desenhos, mas também nas «cartas das dez ilhas ditas, cujos rascunhos tão somente pode o supplicante fazer, em razão da falta de meyo conducentes, e indispensáveis para as por em limpo» (7); este facto junta-se assim à semelhança de estilo apontada acima, fazendo crer que o autor das cartas das ilhas, agora no Porto, foi António Carlos Andreis.

ESTAMPA XIII — [*Sal*]. Da série indicada a propósito da estampa anterior (pasta 24, fl. 25).

ESTAMPA XIV — *Planta da Cidade da Ribeira Grande da Ilha de Cabo Verde, com as suas fortificaçoens, e o estado delas e da sua Artilharia*, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Cabo Verde, Enc. IV, 71). Sem data, mas refere-se a ela um ofício de Manuel Gonçalves de Carvalho, datado da Ribeira Grande, 24 de Junho de 1769.

ESTAMPA XV — *Planta da Cidade da Ribeira-Grande da Ilha de Santiago de Cabo Verde em cuja planta se ve expressadas as vocaçoens dos templos; nomes dos bairros, e ruas; como também o destino dos principais edefícios, e a quem pertencião; tudo porem no estado em que se achava em 1778*, por António Carlos Andreis, Gabinete de Estudos Históricos de Fortificação e Obras Militares, Lisboa (1198/1A-9-13). Tem a um canto um *Mappa dos Bairros, ruas, habitaçoens e habitadores da Cidade*, do qual se verifica que tinha então 787 habitantes (495 livres e 292 escravos).

O século XIX é o período áureo da hidrografia inglesa. O aumento do comércio marítimo e a crescente expansão ultramarina, tão ligados ao

(6) Exceptua-se no entanto o caso das costas do Brasil, de que nos chegou um número apreciável de levantamentos portugueses.

(7) Sousa Viterbo, *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portugueses ou ao serviço de Portugal*, vol. I, pp. 28-30, Lisboa, 1899.

desenvolvimento da marinha britânica, têm o seu natural reflexo na extraordinária obra hidrográfica então levada a cabo por todo o mundo e no renome de que continuam a gozar as cartas do Almirantado.

Logo no primeiro quartel do século XIX se verifica a actividade dos hidrógrafos ingleses no arquipélago de Cabo Verde. São disso exemplo as três cartas seguintes, levantadas em 1819 e 1820 por oficiais do *H. M. S. Leven, Captⁿ. D. E. Bartholomew*:

ESTAMPA XVI — *An Orometric Survey of Bonavista (one of the Cape Verde Islands) by Lieut^s. Vidal and Mudge, 1819.*

ESTAMPA XVII — *A Survey of St. Nicholas (One of the Cape Verde Islands) by Mr. E. B. Durnford, Midⁿ., 1820.*

ESTAMPA XVIII — *A Plan of Porto Grande, in the Island of St. Vincent (one of the Cape Verde Islands) surveyed by Lieut^s. Vidal & Mudge, assisted by Mr. E. P. Durnford, Midⁿ., 1820 (8).*

Durante o século XIX fundam-se novas povoações no arquipélago de Cabo Verde, intensifica-se a colonização em várias ilhas anteriormente desabitadas, ou quase, e desenvolvem-se as obras públicas. Tais factos tiveram o natural reflexo na evolução cartográfica do arquipélago, do que se dão alguns exemplos.

Em 1840 o governador-geral João de Fontes Pereira de Melo nomeou o seu filho e ajudante de ordens, tenente António Maria de Fontes Pereira de Melo, para levantar plantas hidrográficas do arquipélago e ocupar-se de vários assuntos de obras públicas. Este assentara praça na Armada e frequentara a Academia dos Guardas-Marinhas, tirando a seguir o curso de Engenharia na Academia de Fortificação, transformada logo em Escola do Exército. Reunia por isso especiais condições para tal encargo, e até 1842, além dos planos dos portos da Fajã de Água, Praia e S. Vicente, levantou mais a planta seguinte (9).

(8) Os exemplares reproduzidos, todos das primeiras edições, são os do arquivo do Hydrographic Department, Admiralty, Londres.

(9) V. Sena Barcelos, *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*, parte IV, pp. 267-268, Lisboa, 1910.

ESTAMPA XIX — *Planta do Porto da Furna na Ilha Brava levantada no anno de 1840 por A. M. F. P. M.*, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.

O jovem tenente, que iria ser um dos mais notáveis homens públicos portugueses do século, ocupa assim também um lugar na história da cartografia cabo-verdiana.

Outro oficial, também dado à política (onde não foi porém tão feliz como Fontes Pereira de Melo) e que deixou o seu nome vinculado à cartografia de Cabo Verde, foi José Joaquim Lopes de Lima, oficial da Armada. No livro I dos *Ensaio sobre a Statistica das Possessões Portuguezas no Ultramar*, dedicado às ilhas de Cabo Verde e Guiné, saído em 1844, além de planos hidrográficos do Porto da Praia e Porto Grande de S. Vicente, levantados por ele em 1827 (e ainda com as vistas de costa rebatidas, à maneira holandesa), apresenta a seguinte carta geral, baseada nas cartas hidrográficas inglesas:

ESTAMPA XX — *Carta Hydrographica do Archipelago de Cabo-Verde, publicada por José Joaquim Lopes de Lima do Conselho de S. M. F., Capitão de Fragata da Armada Portuguesa em 1844.*

Sena Barcelos, oficial da Armada, natural da ilha Brava, destacou-se também ao serviço do arquipélago. Historiador infatigável, foi autor dos extensos *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*, cujos seis volumes saíram de 1899 a 1912 e continuam a ser a principal fonte para a história das duas províncias. Mas, além do valioso *Roteiro do Archipelago de Cabo Verde*, 1892, ilustrado com cartas de todas as ilhas, Sena Barcelos fez ainda o levantamento de vários portos do arquipélago, como o do Porto Grande de S. Vicente, Porto da Ponta do Sol (Santo Antão), Porto de Santa Maria (Sal), Porto Inglês (Maio), Porto de Santiago, Porto da Preguiça (S. Nicolau), Porto da Furna (Brava), Porto da Ribeira da Barca (Santiago), Porto de Sal Rei (Boavista), Porto da Praia (Santiago), Porto do Tarrafal (Santiago), e ainda o seguinte:

ESTAMPA XXI — *Plano hydrographico dos portos da Villa de S. Filippe e de N.ª S.ª da Encarnação, Ilha do Fogo, 1900.* A estampa reproduz o desenho original, de M. Dinis, que serviu para a gravura da carta impressa e se encon-

tra na Junta de Investigações do Ultramar (pasta 26, Fogo 2). Neste organismo estão também arquivados os originais dos levantamentos, da mão de Sena Barcelos.

Todos estes planos levantados por Sena Barcelos foram editados pela Comissão de Cartografia, criada em 1883, organismo que veio coordenar e impulsionar os levantamentos hidrográficos e topográficos do Ultramar, e ao qual sucedeu, em 1936, a Junta de Investigações do Ultramar.

Sob a égide destas instituições a cartografia do arquipélago teve um grande progresso, sendo editadas numerosas cartas novas ⁽¹⁰⁾. Dão-se a seguir alguns espécimes (uma das mais antigas

e uma das mais modernas cartas topográficas, e o mais moderno plano hidrográfico):

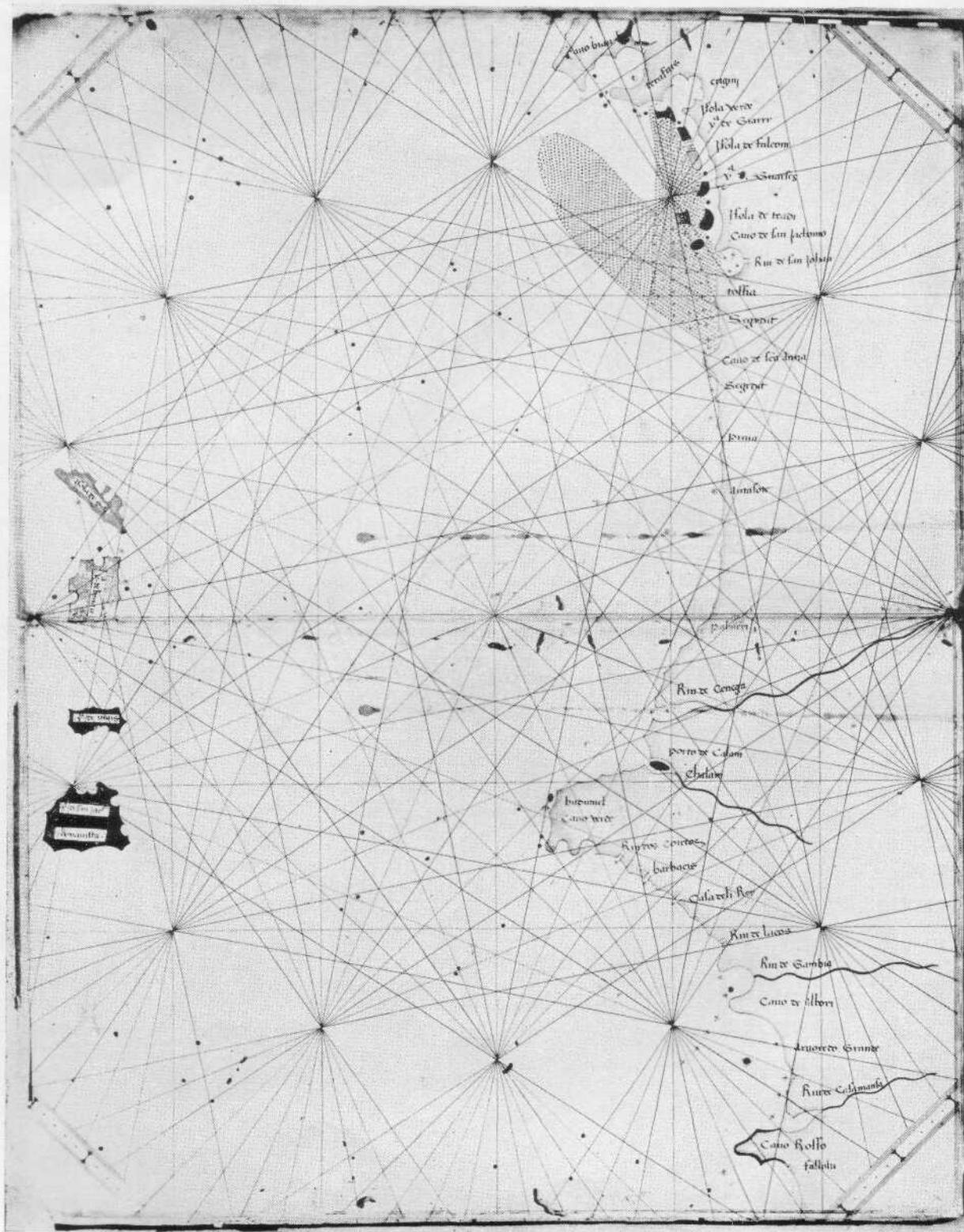
ESTAMPA XXII — *Carta da Ilha do Sal (Cabo Verde)*, 1887. Coordenada por Ernesto de Vasconcelos.

ESTAMPA XXIII — *Carta da Ilha de S. Vicente*, 1932. Carta levantada em 1920 pelo Com. Filipe de Carvalho, e actualizada e completada em 1931 pela Missão Geográfica de Cabo Verde.

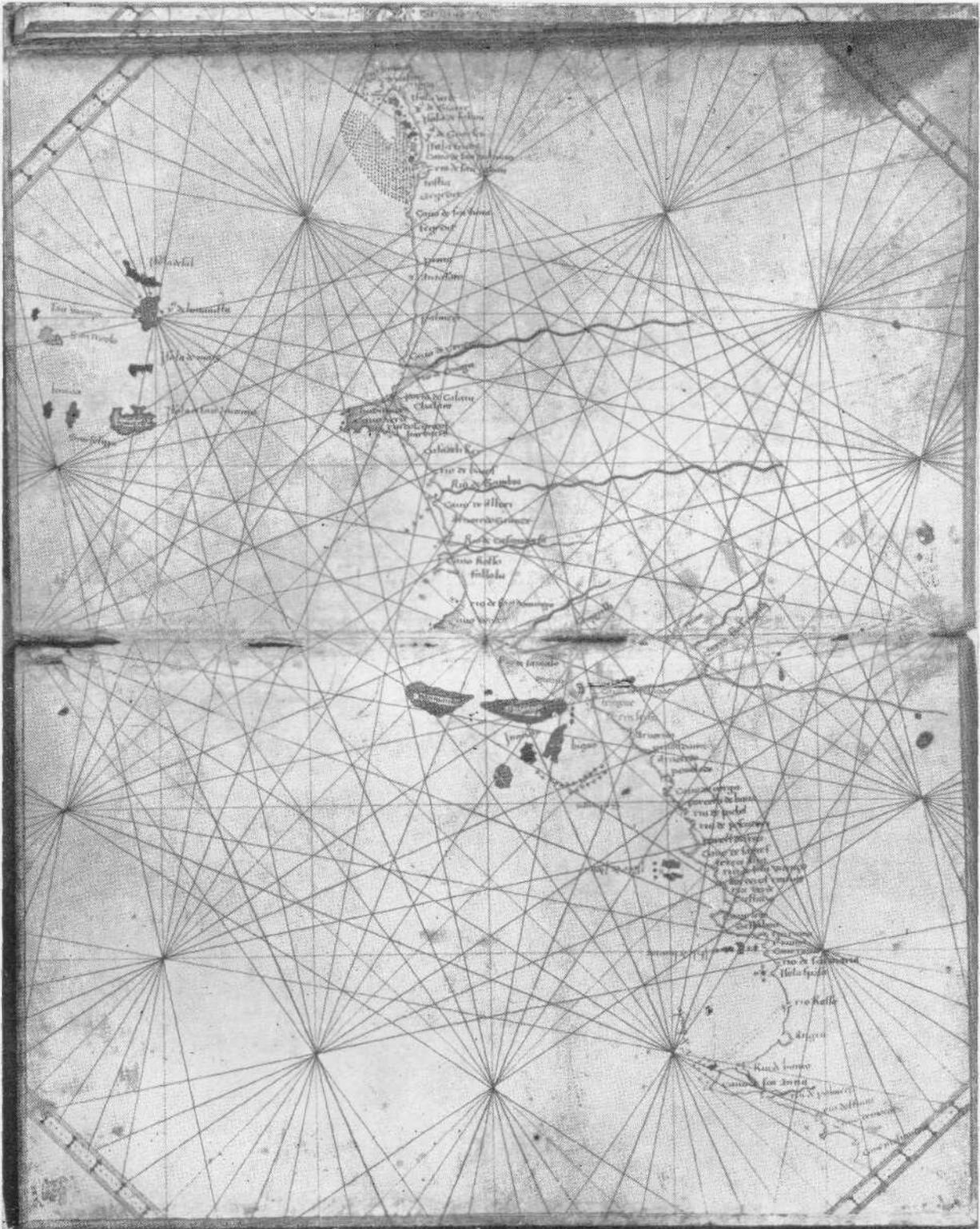
ESTAMPA XXIV — *Erquipélago de Cabo Verde — Costa Noroeste da Ilha de Santiago — Porto do Tarrafal*. Levantado pela Missão Hidrográfica do Arquipélago de Cabo Verde, 1958.

⁽¹⁰⁾ A sua lista vem no *Catálogo das Cartas Existentes na Junta de Investigações do Ultramar*, 1.ª parte (Províncias Ultramarinas Portuguesas, Cartas Impressas), Centro de Documentação Científica Ultramarina, Lisboa, 1960. As cartas manuscritas (muitas das quais são os levantamentos originais e os desenhos que serviram para a gravura) constam do *Catálogo das Cartas Existentes na Junta de Investigações do Ultramar*, 2.ª parte (Províncias Ultramarinas Portuguesas, Cartas Manuscritas), Secção de Cartografia Antiga, Lisboa, 1960.

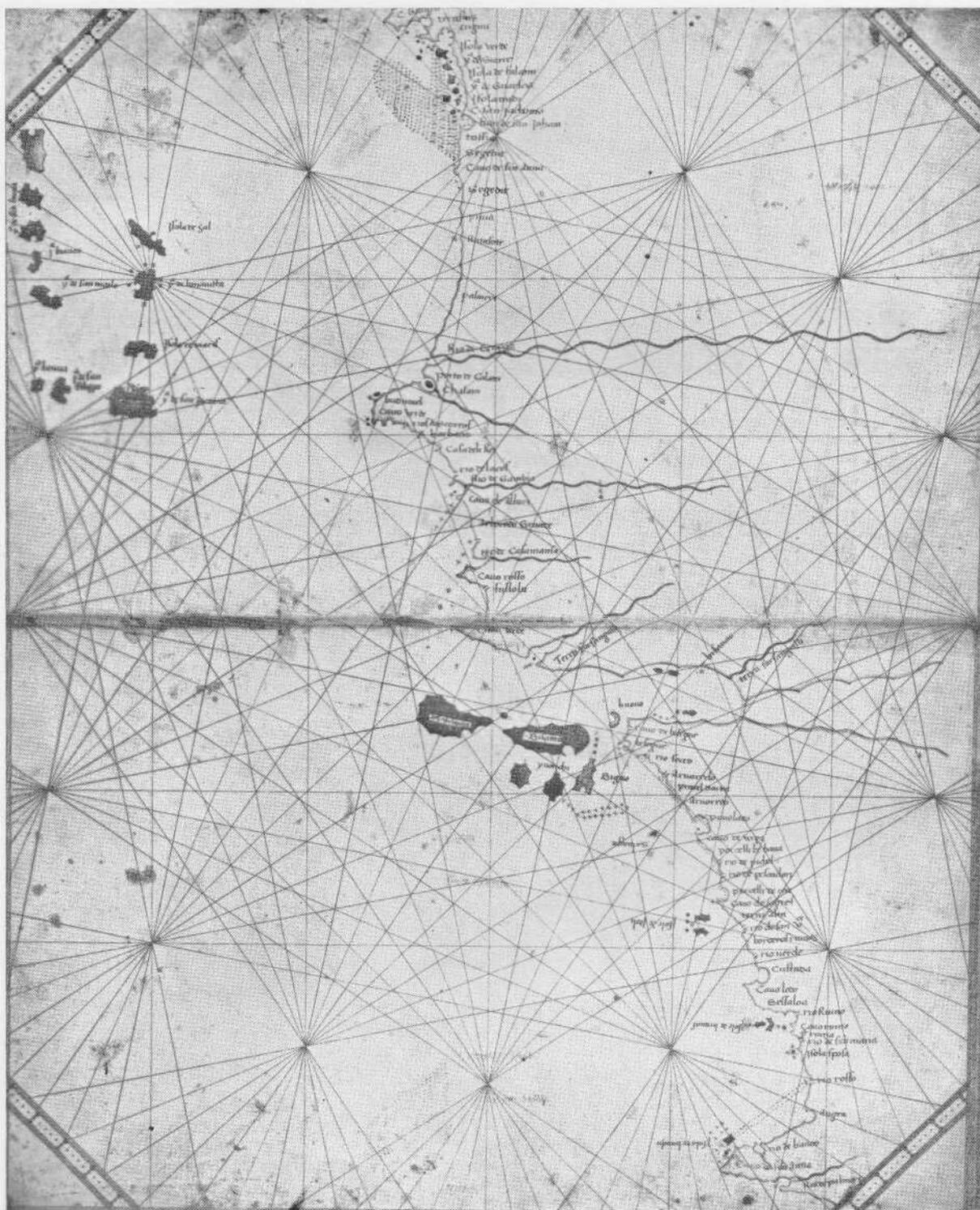
Desde os atlas de Benincasa de 1468 (com elementos relativos ao descobrimento das ilhas, de c. 1460) até este plano de 1958 decorreram cinco séculos de evolução cartográfica, de que as duas dúzias de espécies atrás indicadas constituem breve testemunho.



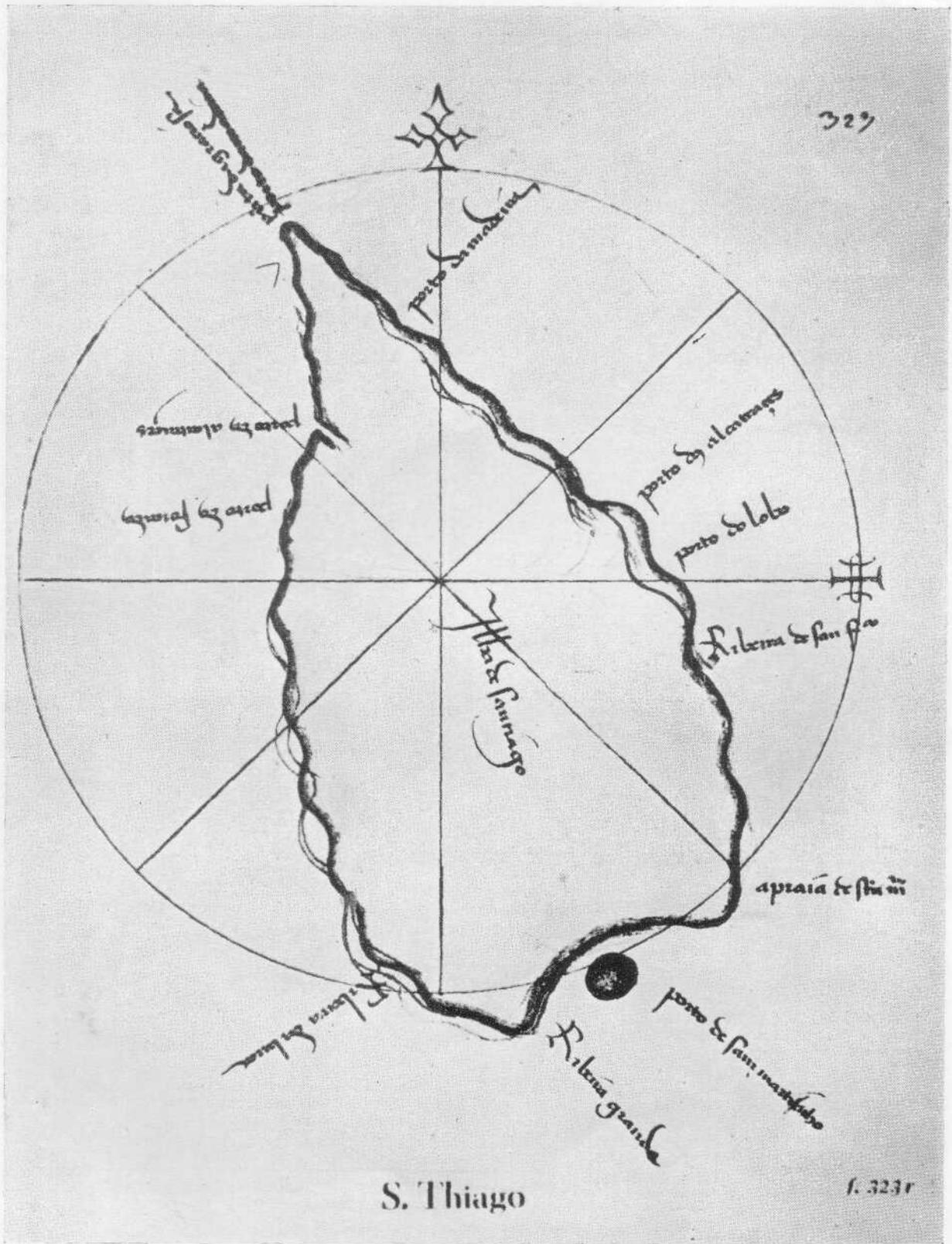
Gracioso Benincasa, 1468 (Príncipe di Trabia e Butera, Palermo)



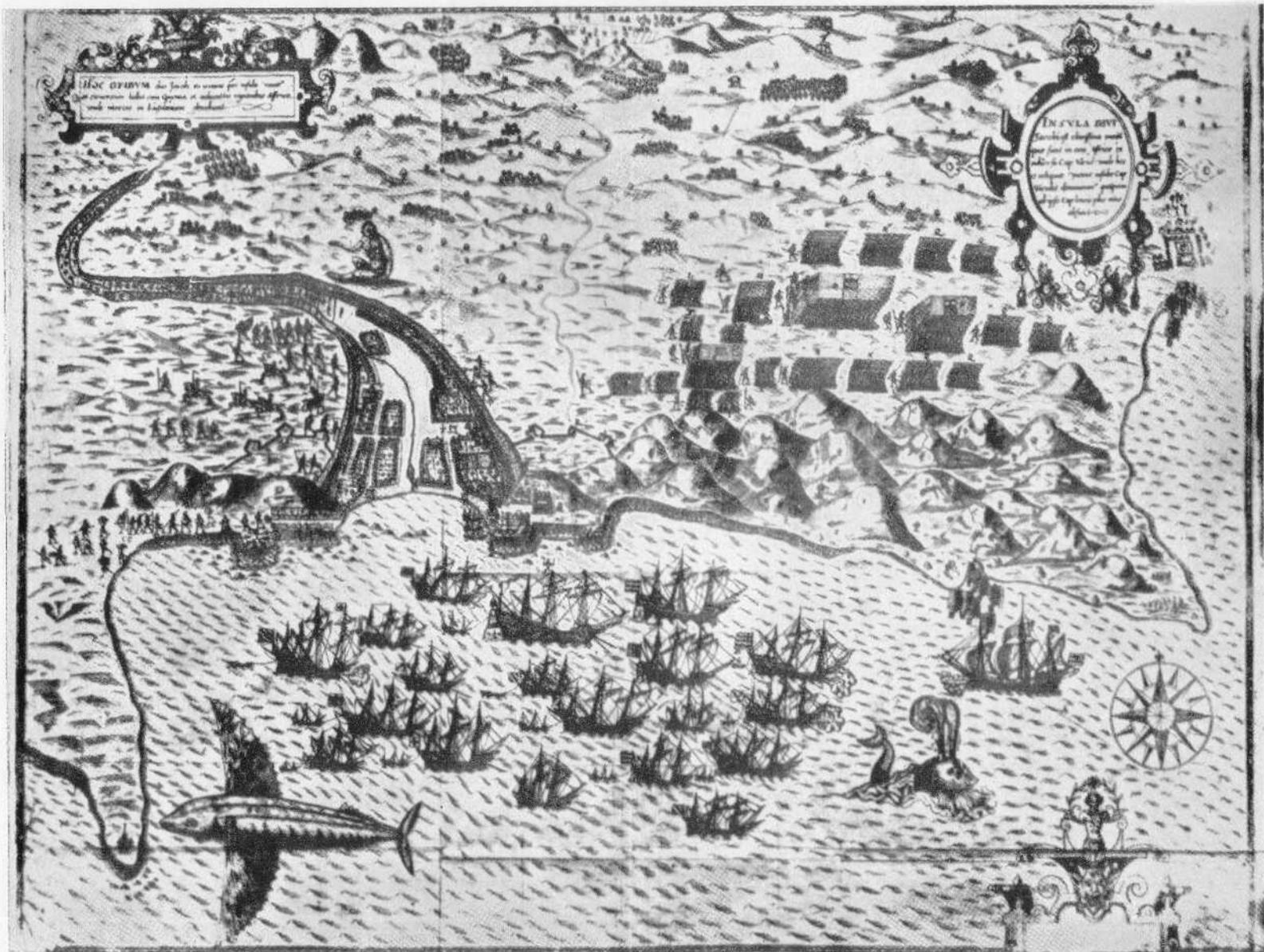
Gracioso Benincasa, 1468 (British Museum, Londres)



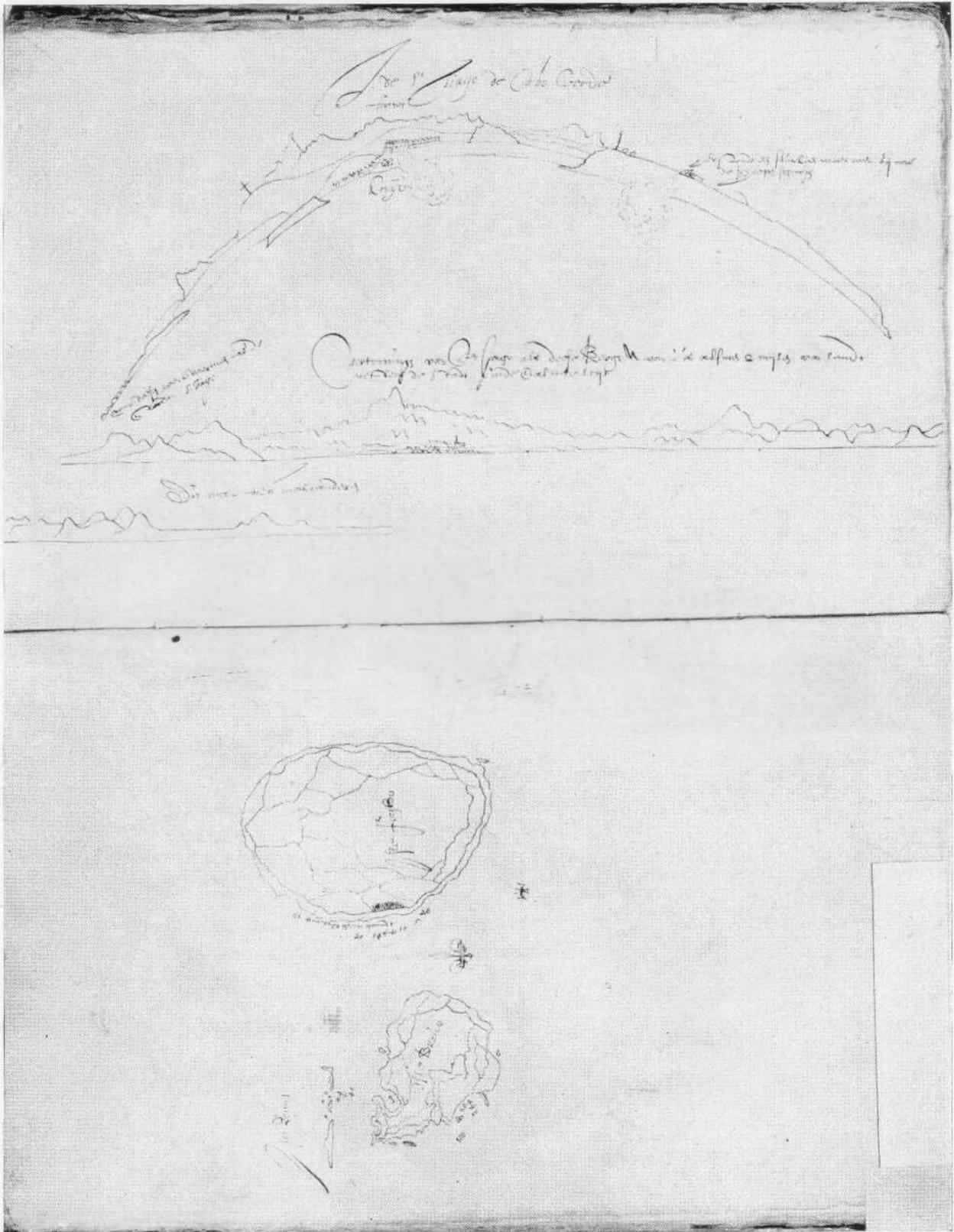
Gracioso Benincasa, 1469 (Biblioteca Ambrosiana, Milão)



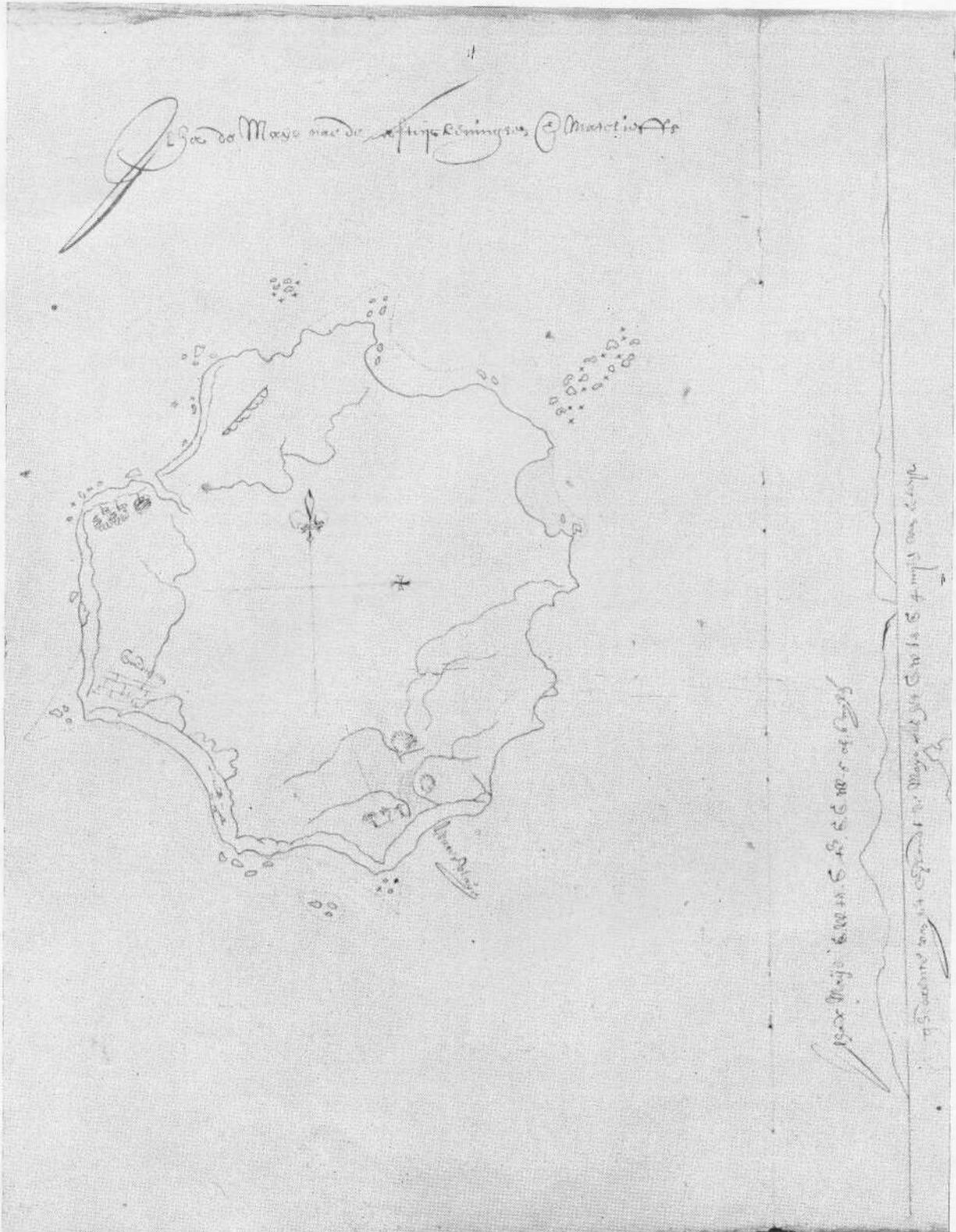
Valentim Fernandes, 1506-1508 (Staadtsbibliothek, Munique)



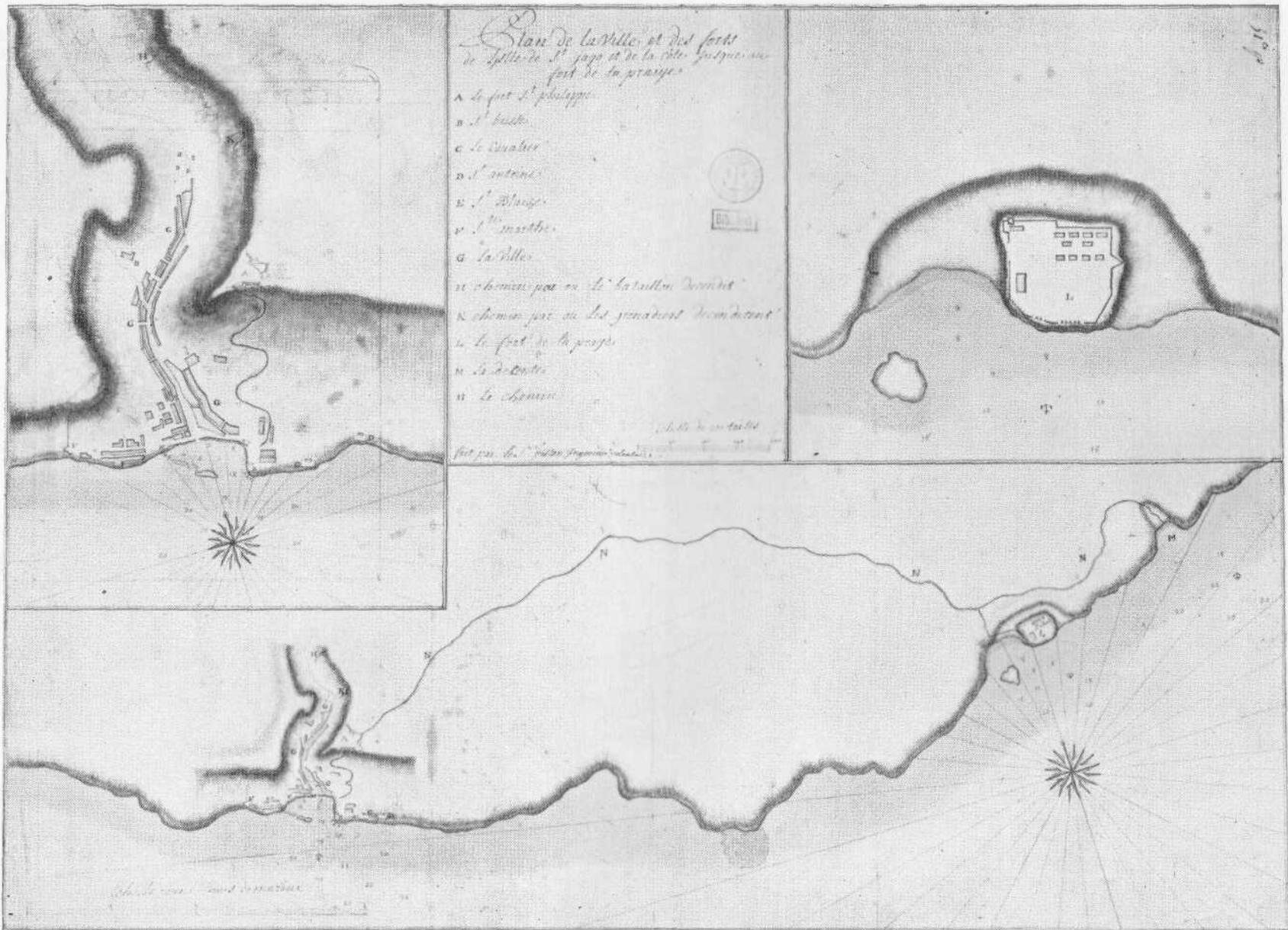
Anónimo — Jodocus Hondius, 1589; gravura



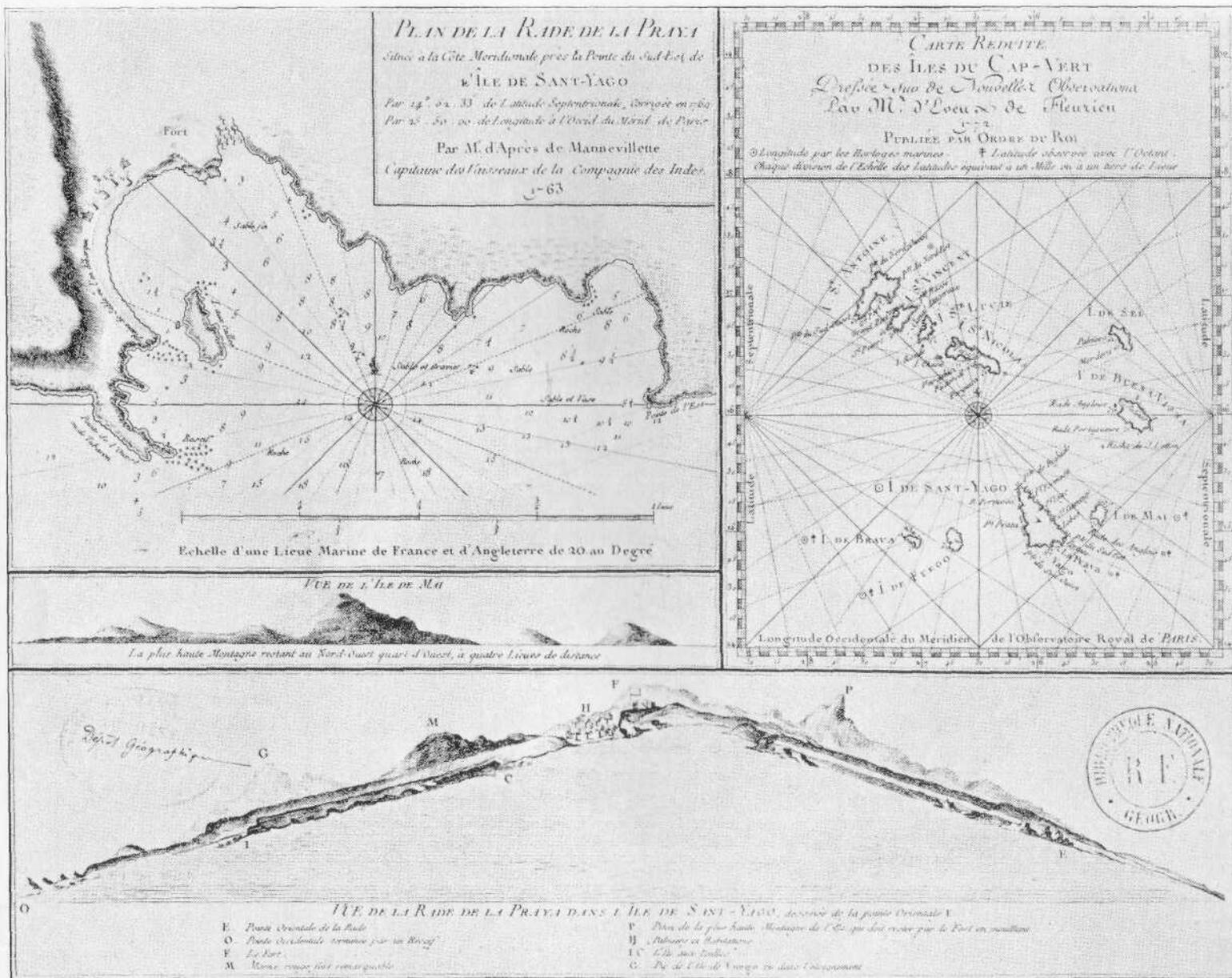
Hessel Gerritsz, 1628 (Algemeen Rijksarchief, Haia)



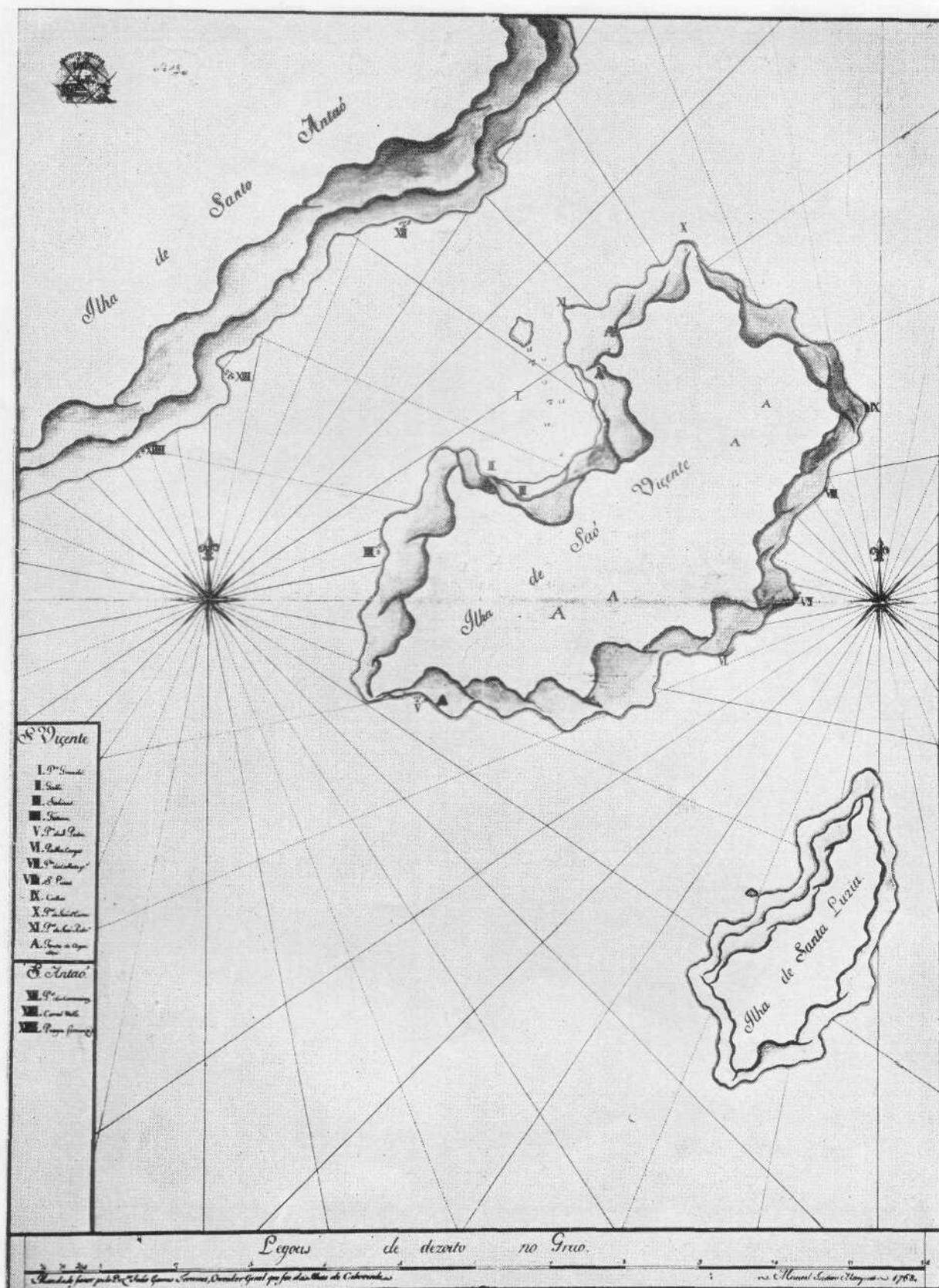
Hessel Gerritsz, 1628 (Algemeen Rijksarchief, Haia)



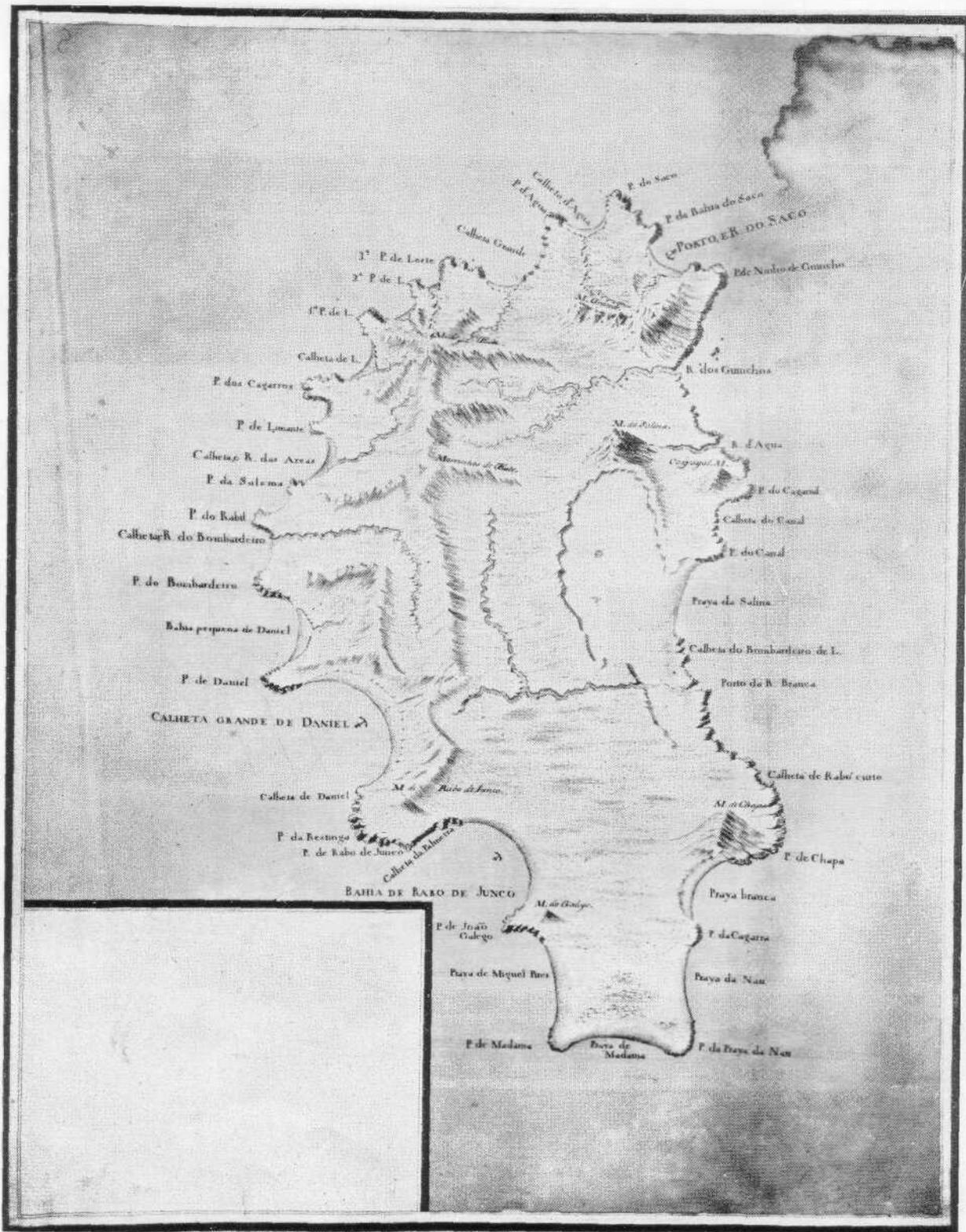
Sr. Pitton, século XVIII (Bibliothèque Nationale, Paris)



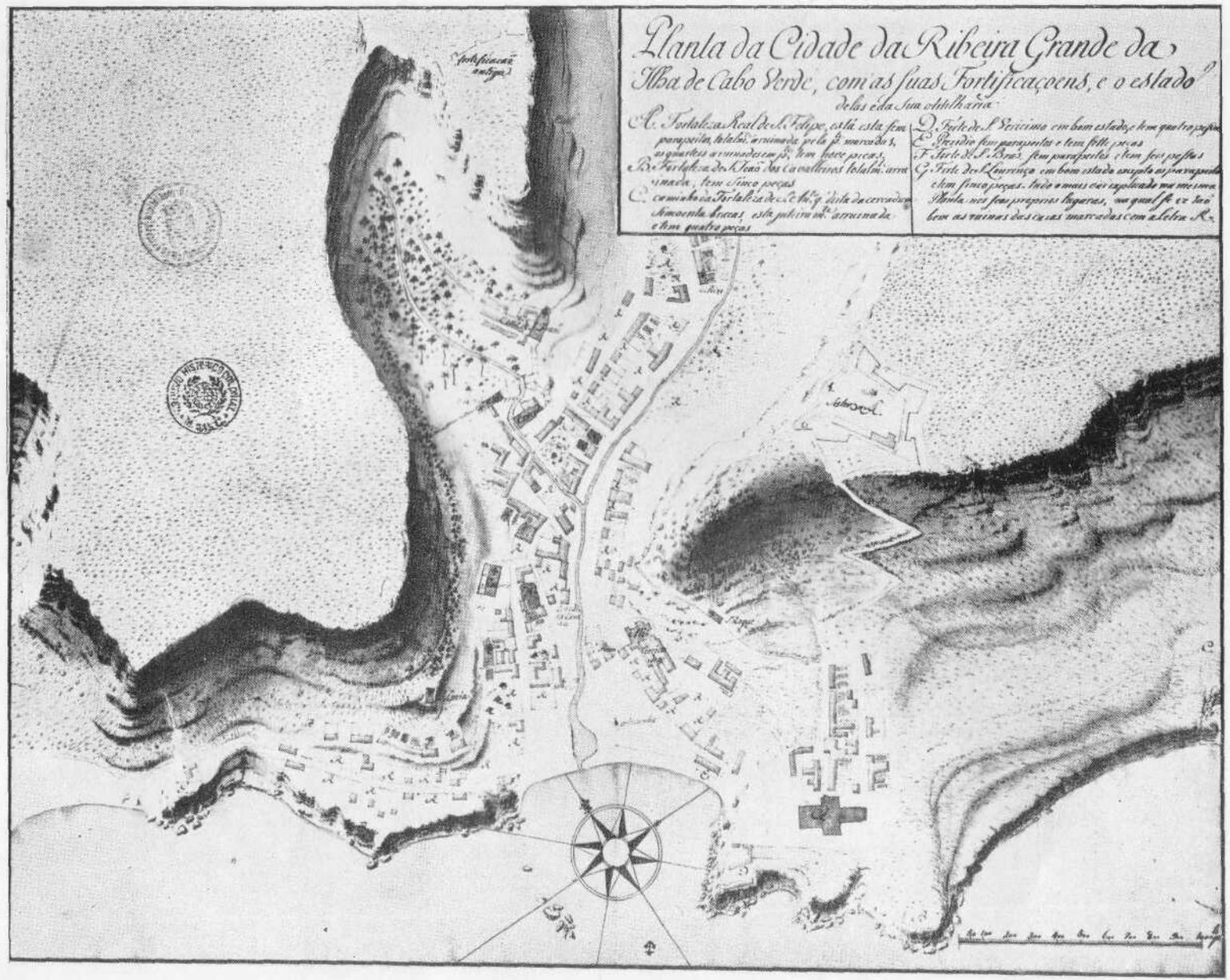
D'Eveux de Fleuriou, 1772; D'Après de Manevillete, 1763; gravura



Manuel Isidoro Marques, 1768 (Gabinete de Estudos Históricos de Fortificação e Obras Militares, Lisboa)



Anónimo — António Carlos Andreis, fins do século XVIII (Biblioteca Pública Municipal do Porto)



Anónimo, 1769 (Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa)

PLANTA DA CIDADE DA RIBEIRA-GRANDE

DA

DE

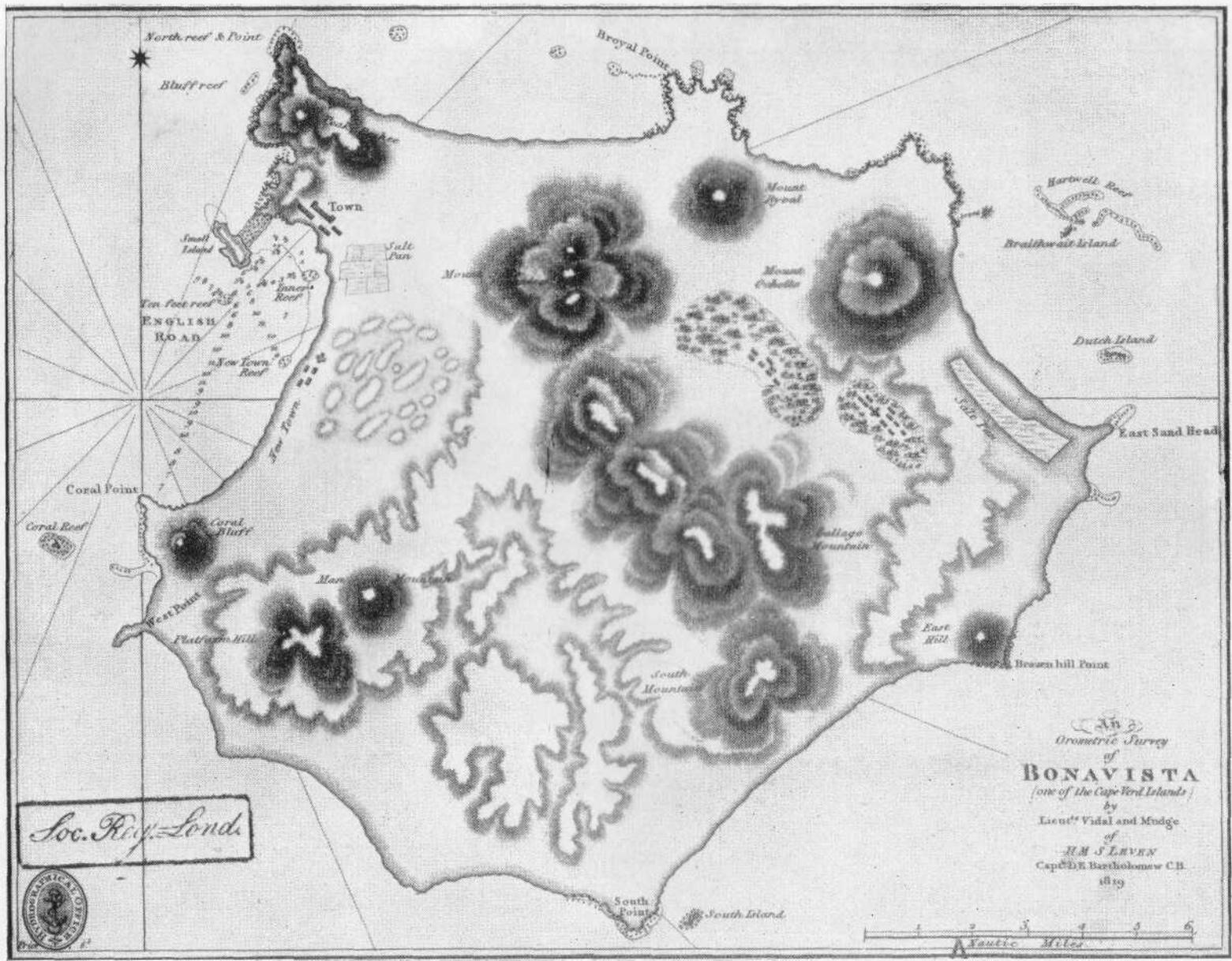
EM CUA PLANTA SE VE EXPRESSADAS AS VOCAÇÕES DOS TEM-
PLOS, NOMES DOS BAIRROS, E RUAS, COMO TAMBEM O DES-
TINO DOS PRINCIPAES EDEIFICIOS, E A QUEM PERTENCIAO; TU-
DO POREM NO ESTADO EM QUE SE ACHAVA EM 1778.

Amais explicação que comprehende as cazas mais, ou menos ar-
quitadas, e numero dos habitantes, se ve abaxo em forma de
Mapa.

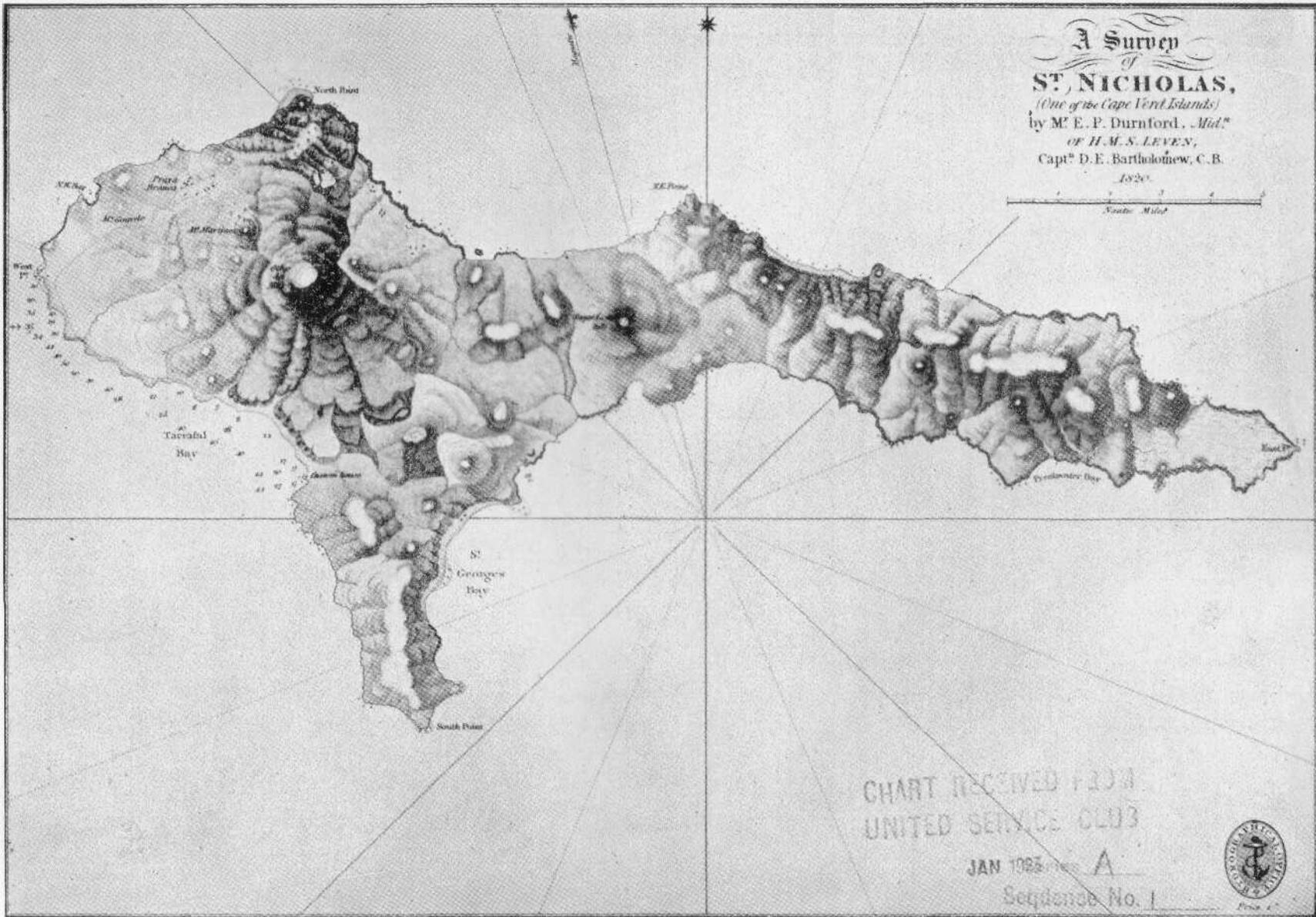
MAPPA dos Bairros, ruas, habilaçoes, e habitadores da
Cidade affirma declarada.

BAIRROS, E RUAS.	EDEFICIOS.	LIVRES.	ESCRAVOS.	TOTAES.
FAO separação.	21	120	155	277
Beco da Capelaria.	1	+	0	1
Rua do Porto.	1	3	0	4
Beco da Misericordia.	2	2	0	2
Rua da Calçada.	2	17	0	19
Rua da Praça.	1	2	0	3
Rua da Misericordia.	0	0	0	0
ruas de habitaçoes.	0	12	0	12
Rua direita.	11	46	26	83
Rua de S. Pedro.	0	15	1	16
Beco da Malajs.	1	3	0	4
Rua da Porta Velha.	3	17	3	23
Rua da Bonina.	1	20	30	51
Rua da Carreira.	3	30	31	64
SAO BRAZ.	10	20	7	37
Soma total	125	175	272	772

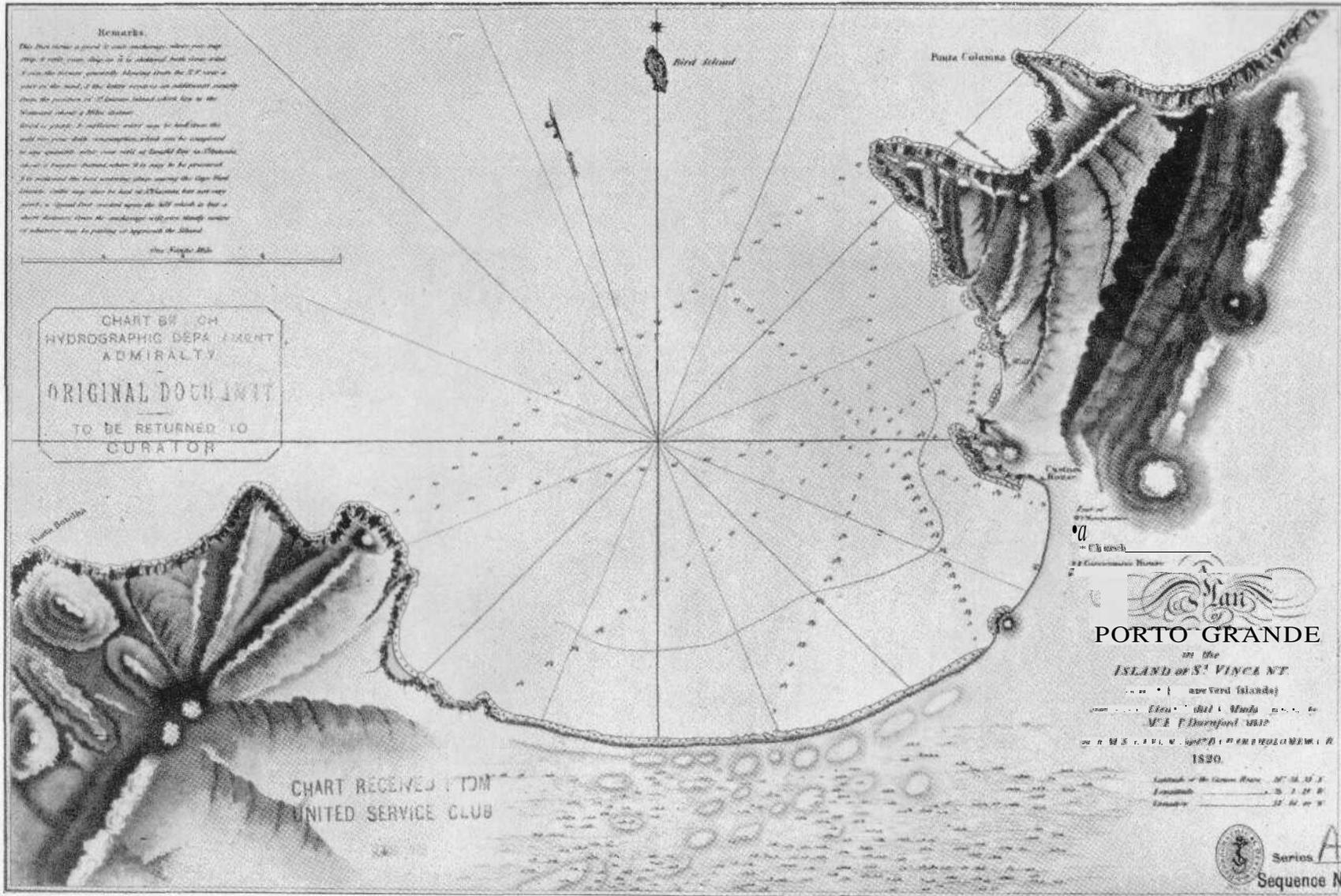
N.B. Toda a gente pertencida desta Cidade he sujeita a chous, que a tem muito
proximada; não affra os Bairros de S. Benç, e de S. Sebastião, que estão total-
mente livres de habitaçoes, e muito legados em bens e realidades.



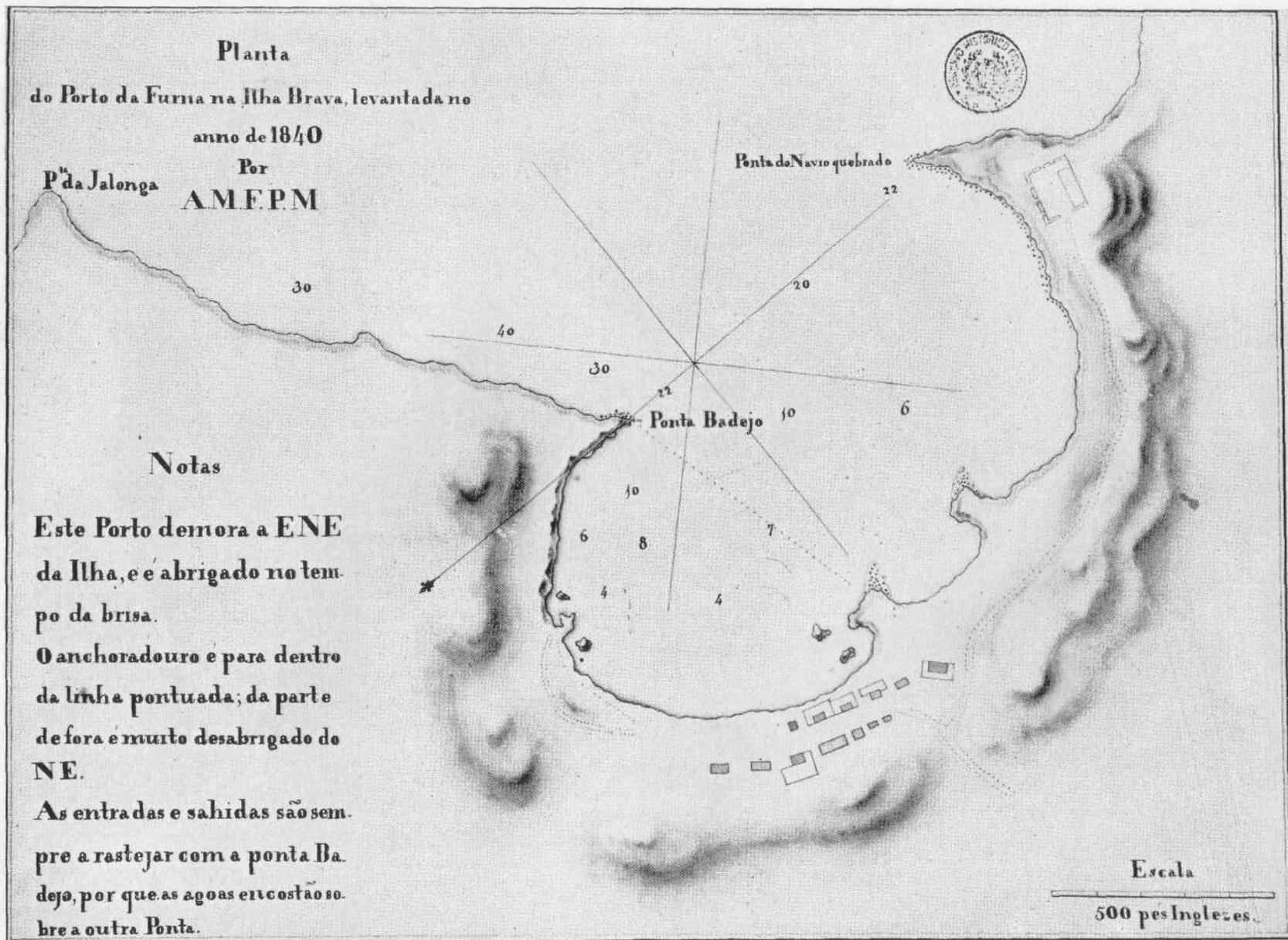
Vidal and Mudge, 1819

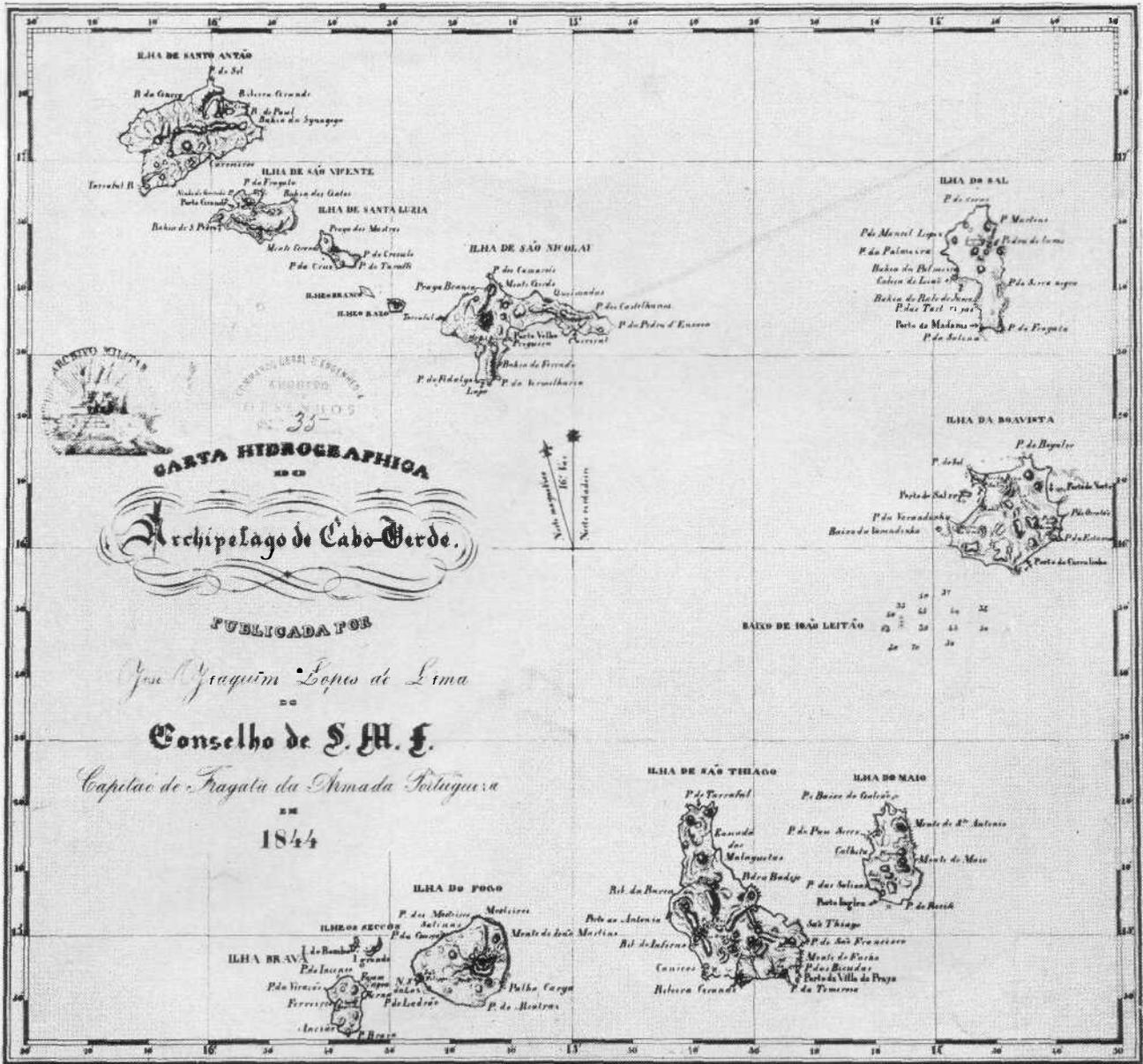


Durnford, 1820

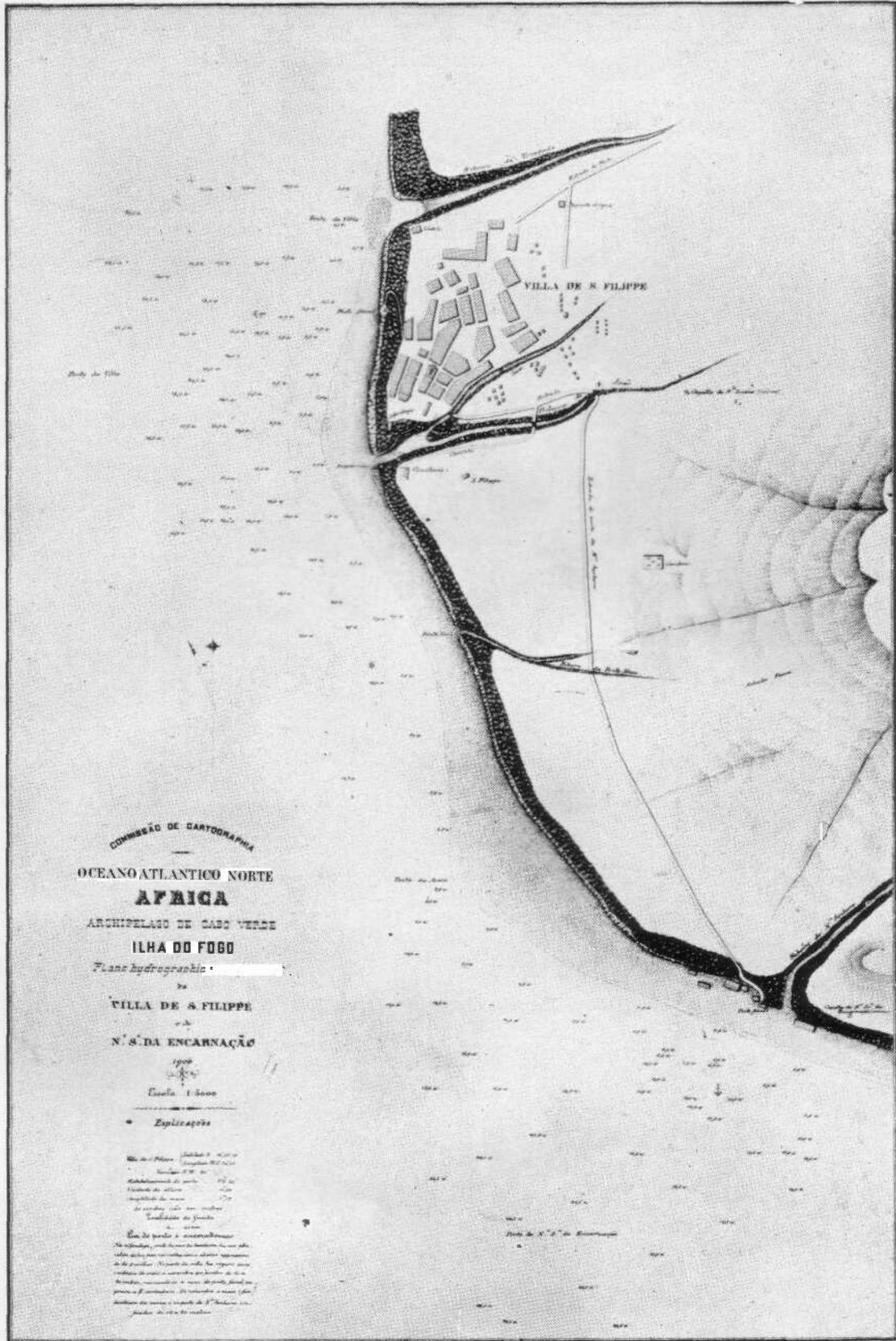


Vidal, Mudge and Durnford, 1820

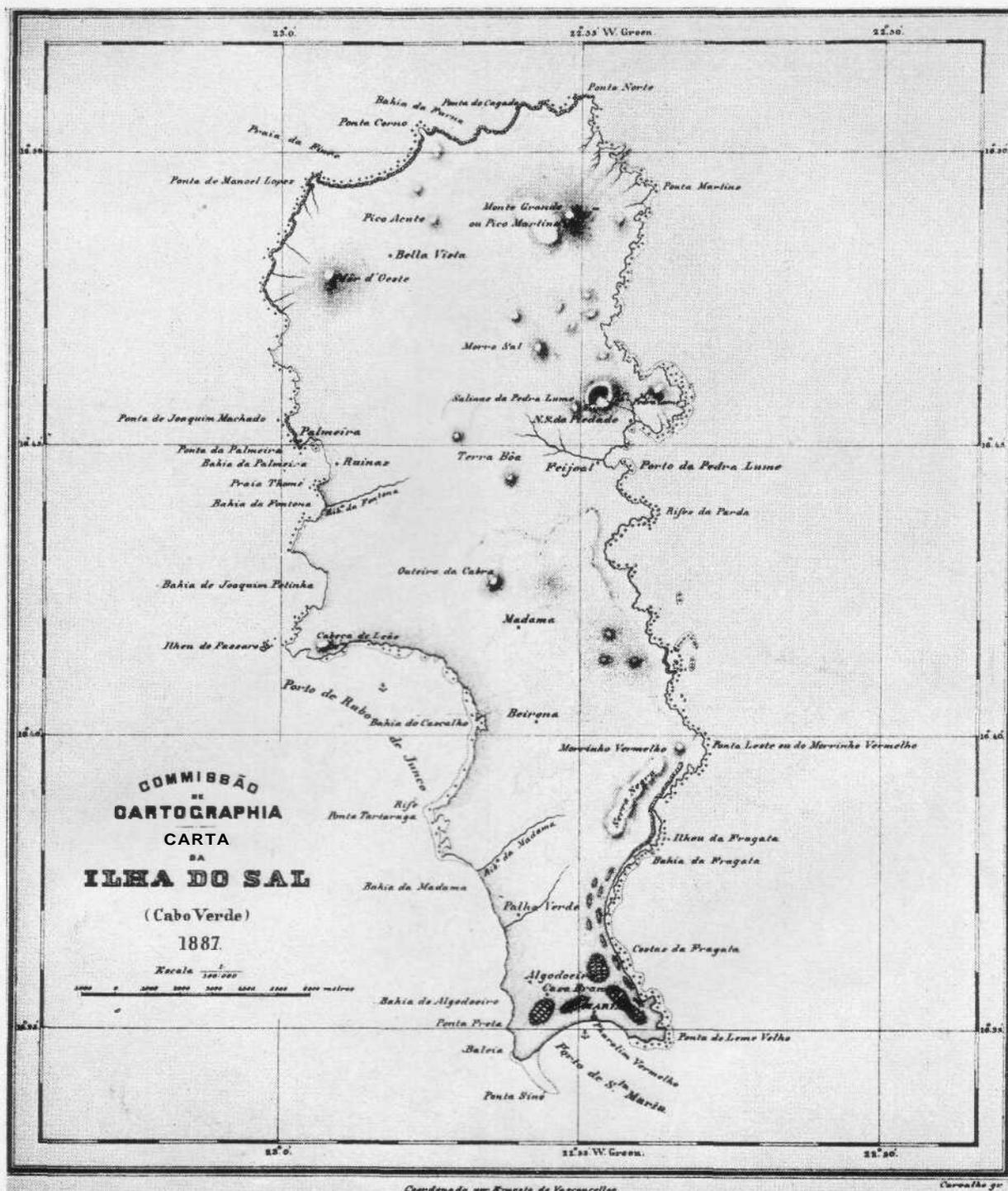




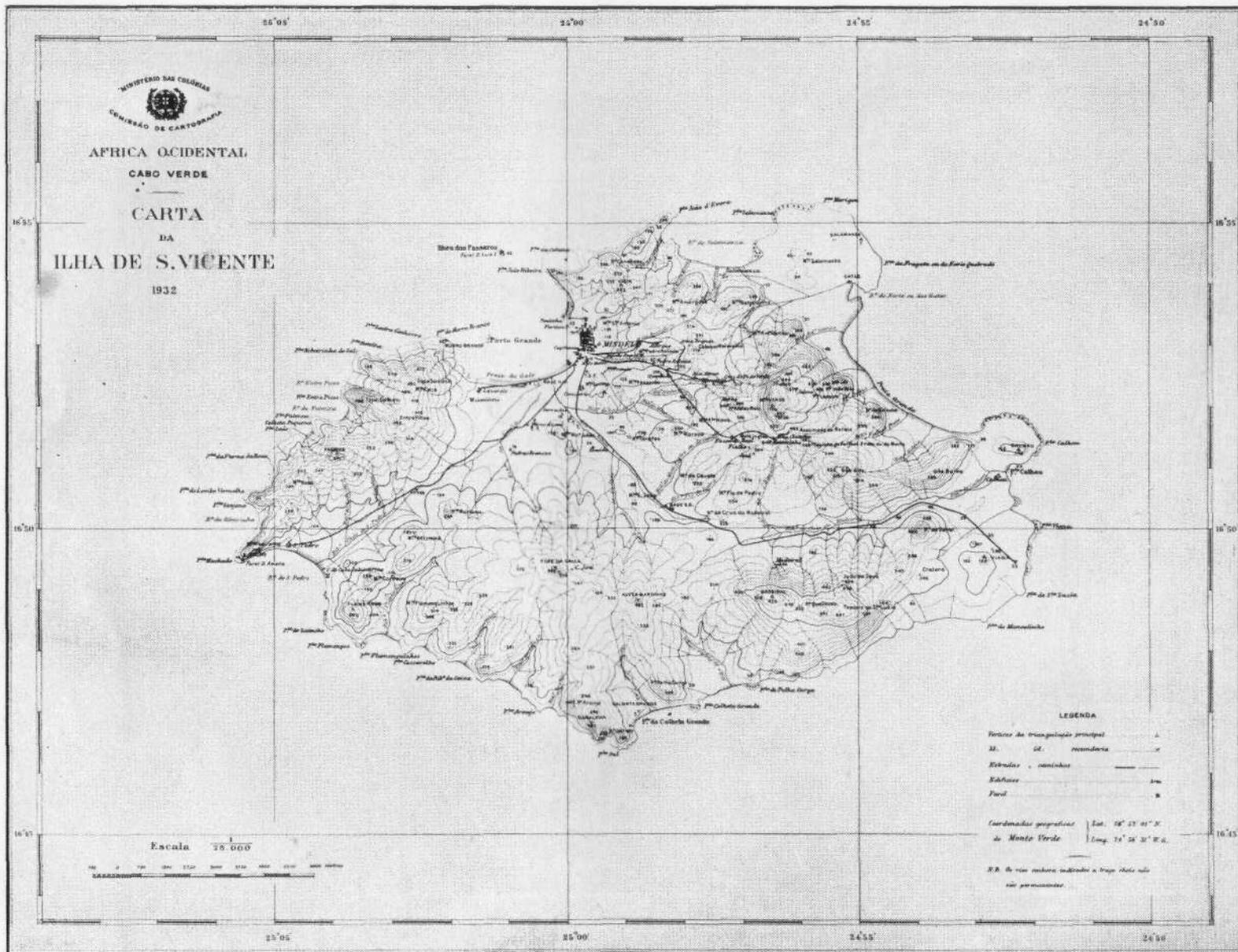
José Joaquim Lopes de Lima, 1844



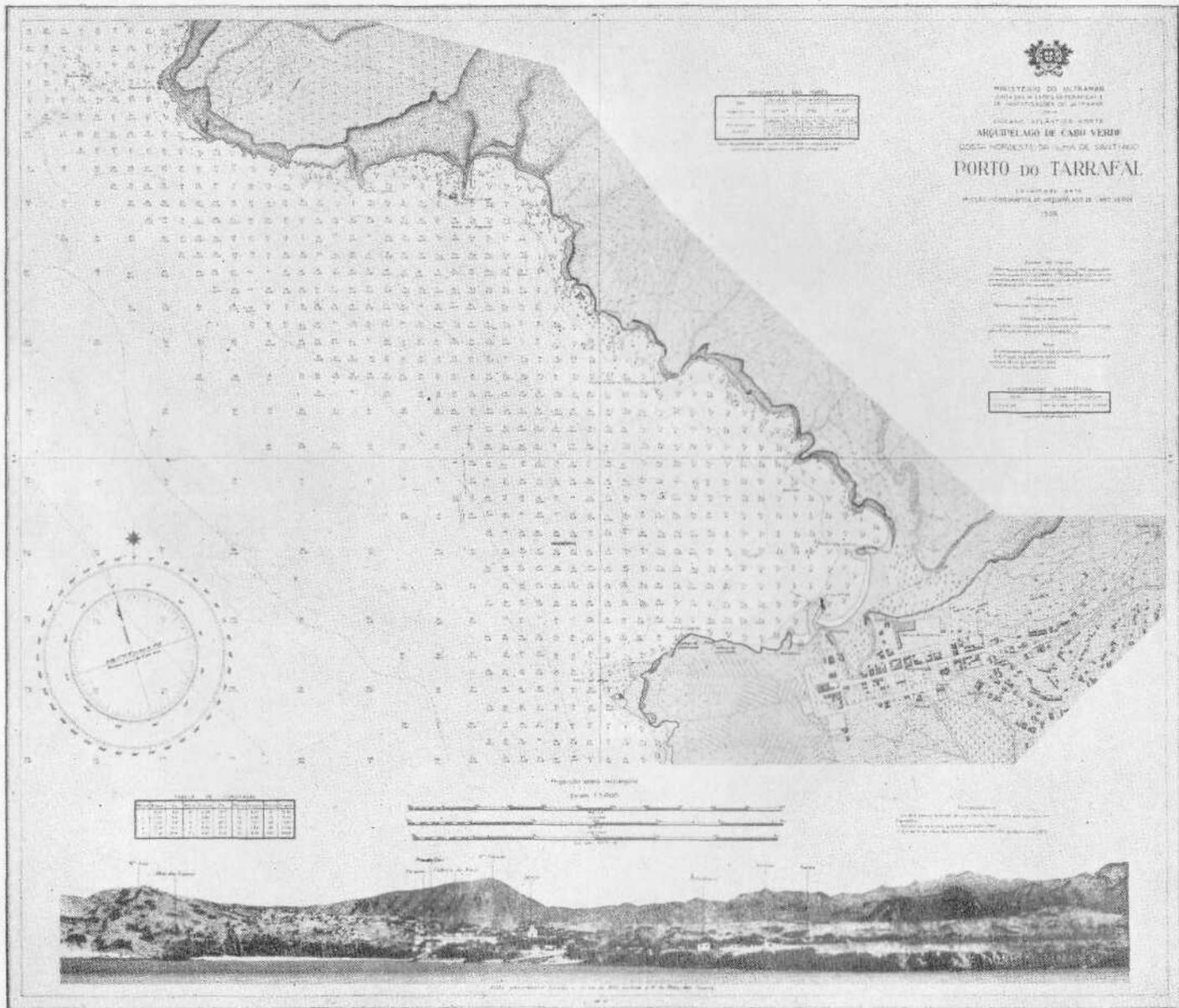
Sena Barcelos, 1900



Ernesto de Vasconcelos, 1887



Missão Geográfica de Cabo Verde, 1932



Missão Hidrográfica do Arquipélago de Cabo Verde, 1958